

**“Todas as cartas de amor são ridículas”? O romance epistolar entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, dificuldades e potencialidades etnográficas – uma antropologia de documentos pessoais<sup>1</sup>**

Clark Mangabeira – UFMT

**Palavras-Chaves:** etnografia; ficção; romance epistolar.

Segundo Philippe Artières (1998), arquivos pessoais são uma forma de arrumar, desarrumar e classificar a vida pessoal. O potencial analítico desses documentos derivaria, conseqüentemente, do registro textual da construção de si em relação a e contra um plano de fundo social, a partir do qual a autoidentidade e relações são avalizadas ativamente. Antropologicamente, o registro escrito parece possibilitar a percepção das marcações diacríticas que modulam processos de sujeição e subjetivação de si, construindo um mosaico de representações que se articulam a partir da escrita.

No caso em tela, o (primeiro) romance entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, registrado e vivenciado a partir de correspondências trocadas, constitui uma díade interacional na qual dois sujeitos fundamentam sua relação amorosa e identidades como sujeitos amorosos *na* e *pela* escrita, delimitando semanticamente a textualidade como parte intrínseca da relação e, mais além, como a própria realidade desta. Escrever *sobre* e *o* relacionamento amoroso é, conseqüentemente, não apenas torná-lo público nos limites da interação – e além dela –, mas, principalmente, dá-lhe existência e efetividade através do registro e construção da escrita em si.

A análise etnográfica do arquivo pessoal dos amantes representa desafios a uma antropologia dos documentos. Se os arquivos classificam e constroem a vida pessoal, detalhar etnograficamente este processo – ou, mais precisamente, parte dele enquanto metonímia da relação total – não deve ser reduzido à mera análise do conteúdo do texto, tomado como dado etnográfico “clássico”, mas depende da percepção de que os documentos epistolares são, em si, uma ficcionalização, uma forma de experimentação e o plano de existência das identidades envolvidas e do relacionamento amoroso.

Nesse sentido, o universo do amor entre Pessoa e Queiroz são o conjunto de 185 documentos trocadas em ritmo quase diário. O primeiro interstício do romance aconteceu entre março e novembro de 1920, e, o segundo, em 1929. Em ambos, o ponto de partida

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

para a discussão etnográfica do conjunto das cartas é a percepção de que se trata de um diálogo no qual cada carta é uma resposta de outra ou um pretexto para outra (PARREIRA DA SILVA, 2012). Consequentemente, é aquele par dialógico, portanto, que deve ser a “unidade” analítica em termos antropológicos.

O primeiro ângulo da análise etnográfica, material, é perceber que, a partir do “conteúdo” registrado propriamente discursivo, na interação, Pessoa e Queiroz são sujeitos e objetos do discurso um do outro, fundados pelo amor que eles próprio escreveram e, assim, tornaram real: Pessoa aparece como a realidade e a potencialidade do amor de Queiroz e vice-versa, resvalando a categoria *amor* como o plano de fundo semântico da realização de ambos enquanto amantes *na e pela* escrita.

O segundo ângulo etnográfico, ideacional, aborda tanto o ponto de vista das cartas enquanto uma realidade formal e a etnografia como uma categoria; quanto, como ponto de ligação ao ângulo material, novamente, o de que o ato de escrita não é apenas referencial ao amor experienciado pelos amantes, mas a relação amorosa em si, precipitada e realizada. A concretude do amor dá-se *na e pela* construção nas cartas, e não em algo externo ou inalcançável às palavras registradas.

Dentro dessas perspectivas, portanto, novas possibilidades etnográficas parecem ser possíveis.

\*\*\*

Partindo do ângulo etnográfico material e da plêiade de sentidos construídos e reconstruídos *na e pela* escrita – do universo do amor que *é* enquanto um jogo epistolar dialógico –, registra-se uma cena desse amor como um par de cartas que se inserem no continuum mais amplo da relação amorosa total. Servindo como metonímia (a parte pelo todo) da relação, o par de cartas indicam a unidade dual Pessoa/Queiroz e significam a potência amorosa enquanto relação.

Em 28 de fevereiro de 1920, Ofélia escrevia:

Meu adorado Fernandinho,  
É meia-noite, vou-me deitar, mas creia que sempre pensando no meu amorzinho. E ele estará também pensando no seu bebé? Naturalmente não...

Estou triste e aborrecida como deve calcular pois acabei há pouco de falar com o rapaz e ouvir sempre a mesma coisa que me faz pensar muito no meu Fernandinho, no amor que lhe tenho, e se será bastante e sincero o amor que diz dedicar-me, se merecerá o sacrifício que estou fazendo. Estou desprezando um rapaz que me adora, que me faria feliz e que eu sei muito bem as ideias dele para mim, sei o que tencionava fazer da minha pessoa.

E diga-me agora francamente, sei eu alguma coisa do Fernandinho? Já alguma vez me disse as suas ideias, o que pensa fazer de mim? Não, não sei nada, sei apenas que o amo e nada mais, e isto não é o suficiente. Não me tenho eu entregado inteiramente ao meu Fernandinho? Que recompensa me dará?

Vou-lhe ser franca, receio muitíssimas vezes que esses seus transportes d'amor sejam de pouca duração, que um dia se sinta já aborrecido e me despreze depois de eu lhe provas que o meu amor é sincero. E diga-me meu amorzinho, não me acha com razão de pensar o que penso? Terei eu de si a recompensa que desejo? Receio que não a terei, visto nunca ter falado nela, e se eu tivesse a plena certeza que nunca a teria, juro-lhe meu Fernandinho que preferia afastar-me de si para sempre, embora com grande sacrifício do que pensar que nunca *serei sua* e continuar o que se passa. Se o Fernandinho nunca pensou em construir família, e se nem pensa, peço-lhe por tudo, pelas *felicidades da sua mana* que mo diga por escrito, que me diga as suas ideias sobre minha pessoa (e não se esqueça que tem dito muitas vezes que não me ama, que me adora!) porque se não forem as que eu tanto desejo prefiro romper para sempre a nossa (ou não direi bem) a *minha amizade*. Viver completamente na incerteza mortifica imenso, e eu preferia a desilusão a viver iludida. Agora se o meu Nininho tem para o Bebé as ideias que ele deseja, decerto que o que estou escrevendo o vai magoas, mas oxalá o magoe, porque eu depois lhe saberei pedir perdão... Já há muito que estava para lhe dizer isto, mas nunca tive a coragem suficiente ou a disposição precisa, mas não podia passar sem lho fazer sentir, porque eu na incerteza não quero continuar, quero saber com que fim.

Fernandinho diz amar-me e quer que eu o ame.

Mas tenho esperança no seu amor, e anseio a resposta, porque decerto é o que desejo.

Ama-o muito a muito amiguinha.

Ofélia Queiroz (o Bebé) (QUEIROZ *apud* PARREIRA DA SILVA, 2012, p. 17-19).

Aos apelos de Ofélia, Fernando Pessoa respondeu em 01 de março de 1920, discorrendo sobre sua percepção da carta de Ofélia e, finalmente, selando o amor nascente:

Ofelinha:

Para me mostrar o seu desprezo, ou, pelo menos, a sua indiferença real, não era preciso o disfarce transparente de um discurso tão comprido, nem a série de <<razões>> tão pouco sinceras como convincentes, que me escreveu. Bastava dizer-mo. Assim, entendendo da mesma maneira, me dói-me mais.

Se prefere a mim o rapaz que namora, e de quem naturalmente gosta muito, como lhe posso eu levar isso a mal? A Ofelinha pode preferir quem quiser; não tem obrigação – creio eu – de amar-me, nem, realmente necessidade (a não ser que queira divertir-se) de fingir que me ama.

Quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimentos de advogado. O amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso <<entalar>>.

Porque não é franca comigo? Que empenho tem em fazer sofrer quem não lhe fez mal – nem a si, nem a ninguém –, a quem tem por

peso e dor bastante a própria vida isolada e triste, e não precisa de que lha venham acrescentar criando-lhe esperanças falsas, mostrando-lhe afeições fingidas, e isto sem que se perceba com que interesse, mesmo de divertimento, ou com que proveito, mesmo de troça.

Reconheço que tudo isto é cómico, e que a parte mais cómica disto tudo sou eu. Eu próprio acharia graça, se não a amasse tanto, e se tivesse tempo para pensar em outra cousa que não fosse no sofrimento que tem prazer em causar-me sem que eu, a não ser por amá-la, o tenha merecido, e creio bem que amá-la não é razão bastante para o merecer. Enfim...

Aí fica o <<documento escrito>> que me pede. Reconhece a minha assinatura o tabelião Eugénio Silva.

Fernando Pessoa (PESSOA *apud* PARREIRA DA SILVA, 2012, p. 19-20).

A dinâmica das duas cartas funda o amor entre ambos, no começo do relacionamento, selando os amantes na díade amorosa. O romance, conforme registrou posteriormente Ofélia (KLOBUCKA, 2007), começou na firma onde eles trabalhavam e permaneceu discreto e praticamente secreto desde então, realizando-se nos textos trocadas em ritmo quase diário, ao menos da parte de Ofélia.

No teor material das cartas, Ofélia destaca que o romance inicia-se dentro de um triângulo amoroso a partir do qual a categoria amor é vivenciada e criada dentro do par incerteza-esperança. Mesmo incerta, a amante terminou com um pretendente na esperança de uma atitude construtiva de Fernando. O jogo amoroso com a outra parte, para Ofélia, transcorre no eixo de desconhecimento do outro e do conhecimento de si: o amor, enquanto realidade – porque escrito – e potencialidade – porque desejado – é a materialidade do que vivencia Ofélia e sobre o qual ela escreve, ao passo que desconhece a correspondência do sentimento em Fernando – mesmo já indicando ter optado por Pessoa.

A entrega de Ofélia é registrada no polo do “sacrifício”, ao passo que espera uma “recompensa” de Fernando. Com base em uma dúvida que instituiu o amor nas cartas, a entrega de si é criptografada no idioma da sinceridade, enquanto há a espera pela resposta do amante *por escrito*: Ofélia anseia que Fernando *diga* o amor através da *escrita*, pedindo insistentemente sua resposta a fim de decidir se continua no amor – diádico – ou se abandona-o – voltando-se para si própria.

John L. Austin (1990) entende que um ato de fala, para ser considerado válido – ato performativo feliz –, precisa incorporar a proferição de certas palavras em um “procedimento convencionalmente aceito” (AUSTIN, 1990, p.31), no qual as pessoas envolvidas devem estar em sintonia com e serem adequadas àquele procedimento, o qual,

por sua vez, precisa ser completo e corretamente executado. Paralelamente, “o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por partes de alguns dos participantes” (AUSTIN, 1990, p.31), de maneira que os envolvidos devem intentar se comportarem de maneira adequada.

Para Austin (1990), assim, proferir palavras *é* realizar ações, e o “eu te amo” dito por Ofélia e pedido a Fernando são, em si mesmos, na realidade imediata dos amantes, o amor cristalizado nas palavras que o formam. O ato de dizer “eu te amo”, o amor em si, é o ato de fazer o amor, de criá-lo, de realizá-lo entre os amantes; conseqüentemente, ao mesmo tempo em que Ofélia diz que ama Fernando, necessita – por escrito – que o mesmo diga – e crie – o seu amor por ela.

O “procedimento convencionalmente aceito”, dentro do qual o “eu te amo” deveria ser proferido entre os envolvidos, pode ser identificado como o contexto epistolar no qual os amantes materializavam-se enquanto amantes e amados. Sem a resposta de Fernando, o procedimento ainda estava incompleto e, por consequência, o amor enquanto *díade* ainda não estava criado. Os atos pedidos por Ofélia visavam, portanto, à instauração – criação – da conduta amorosa e o fechamento do par como unidade enquanto amor. Sem Fernando, nada faria sentido e ela, enfim, abandoná-lo-ia.

A resposta de Fernando Pessoa, com o intuito de sanar as dúvidas de Ofélia e de instituir sua intenção, completou o procedimento de *realização/criação* do amor. Inicialmente, o tom da carta de Pessoa constrói-se a partir do desprezo que ele sentiu em relação ao discurso da amada. Pessoa afirma que bastava *dizer* o desprezo ao invés de *escrevê-lo* de forma tão longa, de maneira que, voltando a Austin (1990), *dizer* o desprezo seria o suficiente para torná-lo real, por Ofélia, ao passo que, ao *escrevê-lo*, Ofélia tornou-o ainda mais “dolorido” para o interlocutor. A escrita aparece como uma segunda força ao lado do *dizer*, aumentando a carga semântico do pretense desprezo criado pelo discurso de Ofélia.

Posteriormente, ao longo da carta, Pessoa discorre sobre o amar e a escrita. Comparando a carta de Ofélia a um “requerimento de advogado”, devido à extensão pela qual ela parece estar estudando o amor, o discurso de Pessoa, contudo, fundamenta a percepção de que amar é uma realidade porque escrito: se “quem ama verdadeiramente não escreve cartas que parecem requerimentos de advogado”, quem ama verdadeiramente escreve de outra maneira, outra coisa; porém, independentemente do resultado final, é o

*escrever* – dizer – a plataforma de realidade do amar. Quem ama, afirma Pessoa de maneira inversa, escreve.

Reconhecendo o seu amor por Ofélia, Pessoa entrega-lhe o “documento escrito” – inclusive registrado, ironicamente – que ela tanto pedira e, conseqüentemente, funda a díade amorosa, instaurando o amor e criando-o como realidade. O real aparece porque dito, escrito, e, a partir de então, entrelaça os amantes em sua rede amorosa.

A partir dessas duas cartas, as primeiras mais longas daquela série de 185 documentos, o romance ganhou existência efetiva, para além das dúvidas e medos que existiam anteriormente. Se, antes dos escritos, Pessoa e Ofélia apareciam com identidades separadas, agora, ao longo do romance, é o par Pessoa/Ofélia o sujeito identitário diádico e sintético do amor, real porque escrito – dito.

No tocante ao tema do amor, Georg Simmel (2006) define-o como um caminho que deve ir de uma pessoa inteira a outra pessoa inteira. Trata-se de uma “unidade relacional” (SIMMEL, 2006, p.107) na qual dois fundem-se ontologicamente em um e que abarca a posse metafísica de quem não se possui materialmente. Amar, para Simmel, é síntese, de maneira que o amor surge como uma categoria total, indecomponível em outras (erotismo, afetividade, etc.).

Ainda na esteira de Simmel, “o amor é uma categoria primordial, não tendo nenhum outro fundamento além de si mesmo” (SIMMEL, 2006, p. 124). Na sua fundamentalidade, o amor se estabelece imbricado em seu objeto, surgindo este não antes do amar, mas por seu intermédio. Não seria, portanto, os amantes quem criariam o amor, porém este que instauraria a existência daqueles: “Vemos, enfim, surgir um Pessoa diferente do outro lado do espelho. Um Pessoa não só sujeito e manipulador da escrita, mas um Pessoa indefeso, objeto do discurso (e do afecto) de outrem, personagem de uma história real” (PARREIRA DA SILVA, 2012, p. 8).

Através do dito-escrito, Ofélia e Fernando criaram o amor, precipitaram-no, tornaram-no real. A realidade efetivou-se pelos atos de fala no contexto procedimental epistolar. Nesta criação do amor, criaram-se em contrapartida: a síntese relacional do amar fez transcender Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz para uma existência diferente da anterior ao jogo amoroso. Se eles fundaram o amor através do dizê-lo, este fundou-os enquanto sujeito amante e objeto amado um do outro, uma díade de existência única e completa na qual, novamente, o par é a unidade. Inscreveram-se um no outro num movimento pendular entre realidade e representação até que ambas se fundiram no plano real de existência na e pela escrita: “o outro é ‘meu amor’, com tanta razão que é ‘minha

representação” (SIMMEL, 2006, p. 124). Através das cartas, o amar realizou-se enquanto realidade e o plano real de existência tomou forma, criando, por sua vez os amantes. Nasce a relação na escrita – no dito –, sendo o escrito a própria relação, dotada de uma originalidade inexistente anteriormente e, por fim, as cartas-amor não se referenciam ao amor de Pessoa e Queiroz: elas *são* o amor.

A partir de Vaihinger (2011), paralelamente, as cartas-amor, enquanto o plano real de sua existência – o do amor para os amantes –, devem ser entendidas como uma ficção. Tal constatação, contudo, não é desmerecer a própria ideia de realidade, todavia referenciá-la dentro do contexto de ficção enquanto uma operação de pensamento construtora de práticas e estabelecadora das condições pragmáticas de existência da percepção da realidade. Se as cartas-amor são ficções, o são porque reais; se são o plano real dos amantes, o são porque ficções; e se, imediatamente, dizer é fazer (AUSTIN, 1990), mediatamente, dizer é uma ficção.

Apesar de que Vaihinger (2011) ainda considera a realidade existente de forma independente da linguagem, Vilém Flusser (2007) vai além e abarca o próprio conceito de real dentro e a partir do de ficção. O próprio real só é real por que elegido enquanto tal dentro do contexto de ficções que o referenciam como real. Não se trata mais de entender a ficção como invenção, mas como realidade porque ficção – porque escrita, dita. Consequentemente, as cartas-amor são a realidade amorosa vivenciada pelos amantes na materialidade dos documentos escritos e estes também são a atividade do amor enquanto ato de criação dos amantes.

Se até aqui o ângulo etnográfico material privilegiou o conteúdo imediato das cartas e a fundação do plano real dos amantes, convém, agora, destacar outro ângulo, mais amplo, que revisita o plano real do amar contextualizando-o no plano metarreal da *escrita* etnográfica.

\*\*\*

No contexto do ângulo etnográfico ideacional, o ponto de partida é a ideia já clássica de Geertz (2008) de que a etnografia é a prática da antropologia social. A fim de se chegar a uma “descrição densa” e à consequente ideação do trabalho antropológico como “interpretações de segunda ou terceira mão”, são feitas ficções, no sentido de construções, orientadas pelos discursos nativos, visto que apenas estes fariam “interpretação em primeira mão” de sua cultura:

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um

"nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original de *fictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 2008, p. 11).

Partilhando a ideia de que ficção não é sinônimo de falsidade, convém remodelar, todavia, a relação entre língua e realidade, e categoria ficção empregada por Geertz para uma construção mais abrangente e profunda do movimento de escrita etnográfica, mantendo a temática em consonância com as cartas de Ofélia e Fernando Pessoa.

Embora a noção de interpretação seja fulcral para o trabalho etnográfico, a etnografia pode ser considerada um metadiscurso sobre os discursos “nativos” em seu sentido mais elástico possível. Nesse sentido, interpretações de segunda mão são, de fato, realizadas pelo pesquisador: criam-se ficções. Paralelamente, contudo, de um lado, a proposição de que o “nativo” faria interpretação de primeira mão sobre sua cultura, e, de outro, de que a mera congruência de ficção com o sentido de construção de algo, esfumaçam a percepção de que a categoria ficção tem atividade ideacional e pragmática mais imponente tanto na ordem imediata de vivência do fenômeno cultural, quanto na ordem mediata e metadiscursiva de escrita sobre aquela vivência.

No sentido imediato de que o “nativo” faria interpretação de primeira mão, convém ressaltar que a experiência do real só é possível pois mediado pela linguagem, de maneira que, afirma Vilém Flusser (2007), a língua *cria, propaga, forma e é* realidade. Segundo Flusser (2007), é a própria língua, com sua sintática, semântica e pragmática, o dado *par excellence* de efervescência do real. A realidade surge, então, não como mero espelhamento na língua, não como uma “verdade absoluta” que seria correspondida em interpretações articuladas por frases e palavras, porém como a própria identificação entre língua e realidade, visto que “dados brutos” somente se realizam como realidade quando articulados linguisticamente – em palavras –, permanecendo, antes da articulação, meras potencialidades.

No contexto epistolar, as cartas-amor entre Ofélia e Fernando são a realidade de experiência plena e vivência do amor. Elas *são o* amor e não apenas interpretações de uma vivência do mesmo, como os argumentos de Geertz poderiam sugerir. O amor precipitou-se porque escrito – dito – pelos amantes, e, nesse ato de escrever – dizer –, criou-os de maneira inversa. A escrita – o dito –, enquanto ação criativa do real, do plano real amoroso, permite o entendimento de que os discursos sobre o amar articulam – e



criam – o amor em si, visto que “quando percebemos palavras, percebemos uma realidade ordenada, um cosmos” (FLUSSER, 2007, p. 41).

Entre a potencialidade (o que *poderia ser*) e a realidade (o que *é* porque articulado linguisticamente), a díade romântica Pessoa/Queiroz ganhou existência na medida em que o caos de potencialidades arbitrárias cristalizou-se nas idas e vindas dos atos de fala que fundaram a existência do plano real do amor: o “eu te amo” dito e redito ao longo das cartas. Parafraseando Flusser (2007), os amantes compreendem o dado “amar/amor” apenas na forma da frase “eu te amo” (expressada e desejada pelos amantes unidos na relação), de modo que a correspondência hipotética entre frase e realidade “não passa de uma correspondência entre duas frases idênticas. A verdade absoluta, se existe, não é articulável, portanto, não é compreensível” (FLUSSER, 2007, p. 45), e, logo, inexistente para os parâmetros de uma cosmologia aberta à experimentação e à interpretação. A vivência, a experiência, requer um plano de existência real e não possibilidades: vive-se o amor *na e pela* escrita, pelo dito, e não aquém dela.

Já no sentido mediato de construção de interpretações de segunda mão, nos trabalhos etnográficos, se, *lato sensu*, o ato de dizer *é* fazer (AUSTIN, 1990), e a língua *é* uma realidade (FLUSSER, 2007), apenas trazer à baila a etnografia enquanto sinônimo de construção (textual) não esgota as possibilidades analíticas da ficção – porque linguagem – enquanto construção e criação do real, e como modo de pensamento analítico (VAIHINGER, 2011).

Nesse contexto, o texto etnográfico derivado da interpretação daquele plano real de vivência amorosa do sujeito diádico Pessoa/Queiroz traduz-se em novos escritos – novos dizeres – que, longe de apenas se referenciar ao plano real de existência do amor, criam um novo plano, metarreal: uma nova realidade sobre a realidade imediata das cartas-amor.

Se, conforme afirma Flusser (2007), a realidade é relativa, podendo ser criada e recriada de diversas formas, a partir de línguas e de diversos ditos e escritos, sendo válida até os limites do mundo assim criado, a etnografia enquanto ficção, porque linguagem, estabelece um novo plano de realidade, um plano metarreal etnográfico, que não apenas se refere ao plano real da experiência cultural (no caso, do amor entre Pessoa e Queiroz), mas que possui existência própria para além da referência sobre o qual se construiu. O plano da metarrealidade etnográfica surge na escrita através de uma efervescência dupla: primeiro, um metadiscorso que fala sobre um discurso “nativo” e que não nega essa

metalinguagem (interpretação de interpretações); e, segundo, uma metarrealidade que se torna uma realidade paralela ao primeiro real, com vivência, ritmo e constância próprios.

Enquanto metarrealidade, um real que discursivamente se refere a outro real mas que, ontológica e ideacionalmente, mantém-se como real, a etnografia conjugaria, em si, possibilidades semânticas que são tão relativamente verdadeiras ao seu contexto de realidade quanto o “eu te amo” para os amantes realizados – porque escritos – no plano real imediato – para eles – das cartas-amor.

Nesse ângulo etnográfico ideacional, o trabalho etnográfico encarna um plano ontológico que baliza, arregimenta, reifica, consolida e constrói, enfim, um “novo real” – metarreal – que, por sua vez, conversa com os discursos de onde proveio e, ao mesmo tempo, incide sobre aqueles discursos, acrescentando-lhes marcas semânticas que capitaneiam seu entendimento. Somam-se interpretações, entendimentos, hipóteses, escritos e discursos que, no fim, tornam-se a metarrealidade em paralelo à realidade observada, e com a qual mantém convergências e divergências, sempre em comunicação, contudo, enquanto dois sistemas independentes entre si.

Por fim, no plano metarreal etnográfico, independente, o amor entre Pessoa e Queiroz passa a ser real também *como e na* articulação com todas às teorias e metáforas supervenientes que lhe dão novo colorido, mantendo, entretanto, com o plano real de vivência, uma relação de complementação de espaços em brancos, sempre presentes em quaisquer discursos, cuja veracidade relativa só se consolida, no entanto, na própria metarrealidade etnográfica.

Havendo sempre possibilidades semânticas virtuais prontas a ganharem realidade quando articuladas linguisticamente, se, por exemplo, Fernando Pessoa entendeu as palavras de Ofélia, no começo de sua carta-resposta, como desprezo, avocando sentidos que estavam presentes virtualmente como possibilidade interpretativa na carta da amada, por outro lado e paralelamente, na metarrealidade etnográfica, o amor, segundo Simmel, traz novas metáforas que colorem o par Pessoa/Queiroz que apenas fazem sentido e adquirem realidade no plano metarreal etnográfico.

A convergência, portanto, entre o plano de realidade de Pessoa e Queiroz e o plano etnográfico de metarrealidade não é de suplementação deste sobre aquele, mas de complementação referencial, porém independente; de trocas semânticas articuladas, todavia autônomas; de termos adicionais, contudo não hierárquicos: entre as duas realidades, prevalecem ambas como tais, cada qual com seu sistema simbólico de sentido,

e cada qual com seus espaços em brancos prontos para serem preenchidos por outras ordens discursivas e metáforas virtualmente possíveis.

A etnografia e o campo não possuem, enfim, uma relação de articulação apenas discursiva ou textual; são duas realidades autônomas em contato, mas cujos sentidos e significados só fazem sentido dentro do seu próprio sistema simbólico criado porque dito, real porque linguístico, embora referências da metarrealidade à realidade sejam, obviamente, parte do sistema etnográfico.

\*\*\*

A antropologia é um discurso que se dobra para dentro: ela duplica-se ao falar dos seus dados e de si mesma acrescentando manchas de sentido aos temas estudados e, assim, tornando-se objeto de si própria. Há, ao lado da descrição densa dos dados, uma igualmente densa construção real de um universo que passou pela dinâmica do encontro eu/outro(s), no sentido mais ordinário dos termos. O processo de escrita sai da esfera de mera representação e passa a esfera da ação, precipitando-se o metarreal. A antropologia observa, constrói e age, e, assim, duplica os enigmas que ela mesma tenta resolver.

Por fim, todo real é ficcional porque criado, e fictício porque real. O trabalho etnográfico completa-se no contato entre realidades diferentes que se mantêm realidades subsistentes, cada uma enquanto vivência com sentidos e metáforas próprios. Na realidade criada na e pela escrita, seja a da vivência direta, seja a metarrealidade, parece importar às interpretações antropológicas a percepção de que ambas as experiências – vivência e escrita – são reais a sua maneira, ficções porque reais, e, como tais, devendo ser tratadas.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998, pp. 9-34.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Editora: Artes Médica, 1990.

BERNARDO, Gustavo. **O Livro da Metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

BERNARDO, Gustavo. Prefácio. In: FLUSSER, Vilém. **Língua e Realidade**. São Paulo: Annablume, 2007, pp. 9 – 20.

FLUSSER, Vilém. **Língua e Realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KLOBUCKA, Anna M. Together at Last: Reading the Love Letters of Ophelia Queiroz and Fernando Pessoa. In SABINE, Mark (ed.). **Embodying Pessoa: corporality, gender, sexuality**. Canada: University of Toronto, 2007, pp. 224 – 241.

LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (orgs.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PARREIRA DA SILVA, Manuela (org.). **Cartas de Amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz**. Porto: Assírio & Alvim, 2012.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES, Evaristo Filho (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 123-134.

VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se**. Tradução e apresentação de Johannes Krestschmer. Chapecó: Argos, 2011.